

Ensaio

Vamos falar sobre sexo: o discurso da sexualidade nas mídias digitais para a promoção da saúde

Let's talk about sex: the discourse of sexuality in digital media for health promotion

Vinicius Alves Sarralheiro¹; Leandro Leonardo Batista²

Resumo

Este trabalho busca investigar as relações entre comunicação e saúde na contemporaneidade. Com as mudanças tecnológicas e os avanços epistemológicos, as definições de ambos os campos sofreram alterações e, por isso, sua análise se torna importante para desenvolver melhores ferramentas comunicacionais voltadas para a promoção da saúde. O objetivo dessa investigação foi o de traçar pistas acerca dessa temática utilizando a sexualidade como objeto de discussão. Para tal, como proposta de aplicação dos conceitos, são explicitadas três experiências midiáticas que tratam da sexualidade em diferentes contextos: a série da Netflix “Sex Education”, o perfil do Twitter do Doutor Maravilha e as possibilidades existentes em desenvolver o diálogo em aplicativos de relacionamento. Com isso, buscamos discutir as questões que envolvem os discursos em torno desses temas e abarcar toda a complexidade necessária para a discussão da comunicação de saúde.

Palavras-chave: comunicação e saúde; sexualidade; mídias digitais; promoção da saúde, discurso.

Abstract

This work investigates the relationship between communication and health in contemporary times. With technological changes and epistemological advances, the definitions of both fields have changed and, therefore, their analysis becomes important to develop better communication tools focused on health promotion. The aim of this investigation was to trace clues about this theme using sexuality as an object of discussion. To this end, as a proposal to apply the concepts, three media experiences that deal with sexuality in different contexts are explained: the Netflix series “Sex Education”, the Twitter profile of “Doutor Maravilha” and the existing possibilities to develop the dialogue in relationship apps. Thus, we seek to discuss the issues surrounding the discourse around these themes and cover all the complexity necessary for the discussion of health communication.

Keywords: communication and health; sexuality; digital media; health promotion; discourse.

¹ Mestrando PPGCOM, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), São Paulo, SP, Brasil (e-mail: vinicius.sarralheiro@usp.br).

² Professor Livre Docente, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), São Paulo, SP, Brasil (e-mail: leleba@usp.br).

Introdução

A comunicação como campo de conhecimentos e práticas sociais tem sido interpelada pelo campo da saúde desde o início do século passado no Brasil,¹ sobretudo na criação de políticas de saúde e de estratégias de controle sanitário. Porém, há alguns anos a definição do que se compreende por saúde passou por uma transformação nos campos de estudo, deixando de ser uma mera ausência de doença para a noção de bem estar pleno. Mais recentemente, ainda, adotou-se um conceito mais amplo, que compreende a saúde como produção social, isto é, ela passa a ser observada a partir de uma ótica mais humanizada, que considera o sujeito e seu contexto para a promoção do que se define como saúde.¹ Nesse sentido, a comunicação ganha importância, pois sua construção ajuda a formar e interpretar o contexto social, bem como a refletir acerca dos discursos que o rodeia – o que é um papel maior da comunicação.

Araújo e Cardoso,¹ ao pensar a intersecção dos dois campos, apontam ainda que entender a relação entre comunicação e saúde nos tempos atuais implica em fazer as seguintes perguntas: como a comunicação participa do processo de geração, difusão e transformação das condições de saúde? Como e o que é preciso para criar condições comunicativas que favoreçam a promoção da saúde? Refletir acerca dessas colocações envolve um processo muito mais aprofundado sobre a temática e uma análise com um olhar multidisciplinar. Contudo, esse trabalho busca traçar um panorama destas questões e apontar alguns caminhos práticos para iniciar a discussão sobre essa relação entre disciplinas, com um olhar sobre a sexualidade.

Dentro desse tema central, a intersecção com a promoção da saúde, passa por comunicar os fatos e pensar os dilemas envolvidos para

o bem estar. Frente às complexidades que se apontam nessa intersecção, a comunicação de riscos, área que estuda o campo de mediação entre riscos e indivíduos, se apresenta como uma ferramenta necessária para olhar para as questões que se apresentam no contexto atual e buscar as possíveis soluções para os dilemas encontrados.²

No passado, os esforços relacionados à comunicação do risco estavam baseados em estruturas que assumiam a neutralidade da informação e cujo foco era a transmissão de dados e estatísticas, bem como informações de perigo e busca por proteção, subestimando contextos e subjetividades.²⁻⁵ Comunicações com esses vieses, em pesquisas recentes, vem se mostrando bastante ineficazes ao não engajarem o público, nem consideram diferentes perspectivas, pois são pautadas na “transmissão da informação dos peritos para os leigos”, como se o objetivo da comunicação de risco fosse exclusivamente o de educar e convencer o público”.⁵ Atualmente, nas pesquisas mais recentes, a comunicação de riscos é entendida como uma prática que envolve diálogo entre os diversos atores envolvidos no contexto em que se apresenta.⁶

(..) experiências têm mostrado que é fundamental incluir efetivas estratégias de comunicação, na tentativa de estabelecer um diálogo entre aqueles que avaliam e aqueles que vivenciam os riscos, de modo a favorecer a participação e influência das comunidades afetadas na definição dos assuntos a serem discutidos e nas decisões a serem tomadas.

No caso de temas complexos como a sexualidade ou a prevenção da AIDS e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST), que envolvem diversos fatores, sejam para as políticas públicas ou para os indivíduos em suas vidas cotidianas, essa nova perspectiva se apresenta como uma forma mais ampla de olhar para a questão e

pensar novas estratégias para o debate na sociedade; pois envolve a junção de mapeamentos e dados estatísticos com abordagens que buscam o diálogo e a interação entre os diversos sujeitos que rondam o tema. Por envolver questões como as relações entre as pessoas, esse tema tem o potencial de estimular os indivíduos a buscar conhecimento e de refletir sobre as possíveis aplicações em suas vidas. E é nesse sentido que se destaca o papel da comunicação, sobretudo àquela voltada aos riscos, por poder ressaltar as questões que devem ser mais importantes para compreender o cenário e efetivar seu papel transformador.²⁻⁹⁻¹⁰

A comunicação de risco é caracterizada por processos complexos e interativos, isto é, “(..) envolve interação entre emissores e receptores de informações sobre um risco”⁸ [tradução nossa], por isso, o diálogo é ponto fundamental para seu estudo e daí a importância de observar e interagir com os sujeitos e seus comportamentos neste contexto. Com função de transformar os números e análises projetivas em ações para o público, a comunicação de riscos vem assumindo importante papel no estudo de saúde nas últimas décadas. Seu objetivo, afinal, é chamar a atenção e dar aos sujeitos a possibilidade de tomarem as decisões para suas próprias vidas.

Essa é a ideia que dialoga com a metodologia proposta por Paulo Freire,⁹ que envolve escutar as necessidades e questões de uma comunidade ou grupo populacional a fim de criar diálogo para que as pessoas possam avaliar e aprofundar sua compreensão a respeito de suas próprias situações; em seguida promover ações para que as próprias pessoas possam mudar suas condições e envolvê-las em reflexão sobre suas ações, iniciando o ciclo novamente. Nesse sentido, entende-se que um processo dialógico e libertador deve se constituir em ciclos capazes de atenuar as relações convencionalmente assimétricas entre ciência e

sociedade, que dão protagonismo aos sujeitos ou atores sociais e se baseiam na proposta da construção de saberes híbridos e colaborativos, reflexivos e de maior possibilidade de aplicação aos contextos locais, modificando, assim, as lógicas de percepção e relação com os riscos e a saúde.⁵⁻⁶ Esse é o principal caminho pelo qual, atualmente, avançam as discussões acerca da comunicação para a promoção do bem estar.

A agenda da Comunicação e Saúde, portanto, acolhe atualmente desafios de diferentes naturezas, como a compreensão das relações entre esses dois campos a fim de que se possa compreender melhor as intersecções entre discurso e mudança social. Além disso, é preciso levar em conta os processos de midiática e de mudanças tecnológicas para a democratização da saúde e da informação. Portanto, refletir acerca da comunicação e saúde em um primeiro momento é voltar a atenção para o conteúdo dos discursos produzidos e efetividade midiática.

Sexualidade na era digital

Assim como os campos anteriores, pensar a sexualidade, no panorama da saúde, atualmente, é refletir acerca de dois fatores: a construção das identidades e a promoção da saúde. Isto porque as construções e diferenças se dão de forma relacional e contextualizada. Louro¹³ afirma que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções (dentre outros) como processos substancialmente culturais e plurais; assim, a sexualidade é formada pela cultura:

Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas

por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Essas construções da individualidade são realizadas no cotidiano, pelas interações sociais e suas possibilidades de visibilidade. Neste sentido, a mídia tem um papel importante por ratificar ou transformar um determinado grupo como pertencente a este contexto social, dando oportunidade de pertencimento e voz aos sujeitos.

E se é no social que os conceitos se desenvolvem, é também nele que as mudanças impactam no risco. O surgimento e explosão das redes, bem como a universalização do acesso à informação, revolucionaram as relações sociais e políticas e as identidades individuais e coletivas.¹ Pois, o mundo em rede gerou novas formas de interação entre os sujeitos, modificando as formas de exposição, percepção e memorização dos usuários. O advento da internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. A mais significativa delas, é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador e *smartphone*:¹⁷

O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e interativa. Tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais. Juntamente com essa complexificação, o aparecimento de ferramentas de publicação pessoal (...) deu força e alcance para esses fluxos, ampliando a característica de difusão das redes sociais.

Dessa maneira, a forma como nos comunicamos e nos expressamos mudou, pois demos um grande salto em direção à interação mediada por aplicativos, transformando as formas de contato entre as pessoas. Neste cenário, o relacionamento entre indivíduos é transformado, alterando os regimes de visibilidade a partir do crescente número de pessoas que interagem nas variadas

redes sociais e nos aplicativos.¹² Nessas novas redes que se formam, os objetivos principais são a troca de informações, as conversas e, com isso, o destaque para a interação. Este fator representa, nesse contexto, um processo comunicacional, pois uma ação que tem reflexo comunicativo, priorizando a troca das informações e o diálogo entre usuários.¹³

Como destaca Bostrom,³ as tecnologias de comunicação aumentaram a velocidade com a qual podemos nos comunicar e, com isso, governo, educação e saúde começaram a migrar para a internet. Em consequência disso, o modo como usamos as tecnologias da informação e comunicação também mudaram as formas de contato com os riscos que enfrentamos, aumentando alguns, diminuindo outros; o que nos permite pensar que é necessário buscar novas formas de olhar e comunicar as questões de saúde neste cenário.

Korda e Itani¹¹ indicam que uma característica importante da comunicação para a promoção da saúde no ambiente digital é o senso de empoderamento que é possível dar às pessoas e aos grupos para as decisões relacionadas à saúde; esse recurso influencia positivamente comunidades e indivíduos que buscam ativamente comportamentos saudáveis e mudanças no estilo de vida. Para tal, é preciso incentivar o uso do diálogo para interação nas redes, ferramenta para o aprendizado e a prevenção, além de estruturar a comunicação com foco na democratização e promoção da saúde.¹

Maneiras de olhar a questão

A fim de colocar um olhar mais prático sobre essas questões aqui apresentadas, destacamos três exemplos de aplicações dos conceitos de comunicação no debate da sexualidade. Cada um deles foi escolhido por representar bem sua proposta em seu contexto midiático, trabalhando o debate da sexualidade aliado a uma eficiência na comunicação de riscos, com foco no diálogo

e nas necessidades dos sujeitos. É importante destacar que cada um deles pode se tornar, posteriormente, um objeto de estudo com um olhar mais aprofundado para sua análise; contudo, a proposta aqui é ilustrar esses conceitos debatidos e colocar em foco a importância do debate e de sua aplicação.

Assim, o que propomos é utilizar esses três casos apontados como aprendizados para pensarmos estratégias com foco em saúde de maneira mais efetiva e quais as contribuições que a comunicação pode fazer para a área da saúde. Para tal, serão explicitados os temas que envolvem os exemplos selecionados e suas contribuições para o debate da sexualidade e da promoção da saúde nos contextos tecnológicos.

Sex Education e o retrato da sexualidade na tela da Netflix

*Sex Education*¹⁵ é uma série britânica, produzida e transmitida pela Netflix, que estreou em 2019 na plataforma. A série narra a vida de Otis (interpretado por Asa Butterfield) e de seus amigos durante o ensino médio. O protagonista é um jovem virgem e socialmente desajeitado que mora com sua mãe (Gillian Anderson), uma terapeuta sexual, que tenta de diversas formas ajudar seu filho com suas questões sexuais. A narrativa também acompanhada a vida de Eric (Ncuti Gatwa), melhor amigo de Otis, um jovem negro e gay que passa por algumas dificuldades para se integrar em algum grupo do colégio. E para fechar o trio de protagonistas, temos Maeve (Emma Mackey), uma jovem rebelde, que tenta entender um pouco de quem ela é nesse período de adolescência.

A trama se desenvolve a partir de um trato que Otis faz com a personagem Maeve para montarem juntos uma espécie de “clínica” de saúde sexual dentro do colégio em busca ajudar outros jovens a lidar com seus problemas e questões sexuais. A série, apesar de uma premissa bem

comum entre as narrativas televisivas adolescentes, apresenta sua trama tão cuidadosamente pensada, que esses dilemas adolescentes se tornam uma maneira de discutir a sexualidade, levando a aprendizagem tanto para os jovens, quanto para os adultos. Embora, se passe centralmente em um colégio de ensino médio, *Sex Education* não se resume apenas ao universo dos adolescentes, pois evidencia que, ainda que exista uma normalização e banalização do sexo nos tempos atuais, a sociedade ainda mantém diversas dúvidas a seu respeito – daí a importância do debate sobre sexualidade e afetos e de sua relação com os contextos sociais que os formam.¹³

Para tal, a série aborda desde dúvidas que causam ansiedade, angústia e traumas em inúmeros jovens quando estes estão iniciando sua vida sexual – como questões sobre desejos e prazeres, diferentes práticas sexuais (desde o sexo oral até o sexo anal) e como fazê-las, ou mesmo dilemas acerca do que é “normal” no âmbito da sexualidade, para citar alguns exemplos –, até temas que são verdadeiros dramas sociais, como: a necessidade do aborto, o preconceito e a ignorância em relação a IST e os abusos sexuais em transportes públicos. Todas estas temáticas (e ainda outras ao longo dos dezesseis episódios nas duas temporadas disponíveis na plataforma) são tratadas a partir de um discurso entre iguais, ou seja, entre relações interpessoais diretas entre os personagens que as vivenciam, como se fosse uma conversa entre amigos. Os jovens escutam outros jovens, compartilham entre si as confissões íntimas, optando pelo diálogo para o aprendizado e a busca de vínculos mais livres,⁹ dando vazão aos desejos sexuais e a relações com mais afetividade. Dessa forma, a trama da Netflix posiciona os adolescentes como portadores de saberes e, ao mesmo tempo, a escola como um espaço em que esse tipo de discussão deveria ocorrer – questões que se tornam

pertinentes para o debate da sexualidade na contemporaneidade.

Outro trunfo da série é a forma sensível com que explora a diversidade e as descobertas e experimentações afetivas de seus personagens, sejam sobre si mesmos ou sobre os parceiros que encontram; esses processos de autoconhecimento da sexualidade está em todos os episódios da trama. Na segunda temporada, há a apresentação de temas como a assexualidade, a pansexualidade e relacionamentos afetivos e sexuais de gays e lésbicas de uma maneira extremamente natural, colocando o debate das questões de maneira normalizada e didática, como deveria acontecer na sociedade – com a discussão posta desta forma, os espectadores criam um vínculo de cumplicidade mais forte com as personagens, mostrando que esses assuntos não precisam ser grandes dramas e fazendo o espectador se identificar com pelo menos uma das histórias tratadas.

Apesar de funcionar como um objeto de mídia tradicional, uma série televisiva, *Sex Education* se encaixa no contexto digital pelo caráter de entretenimento e pelo seu consumo estar atrelado às redes – a Netflix é uma plataforma on-line. A maneira que a história é narrada possui a mesma estrutura de filmes, novelas e outros produtos audiovisuais conhecidos (o que facilita seu consumo), contudo, sua linguagem permite a busca em tempo real de informações nas redes a fim de complementar os conteúdos ali tratados, pois o indivíduo está conectado durante o consumo. Além disso, a internet ganha um papel importante na série, como local de pesquisa para o aprendizado, mostrando ao espectador caminhos possíveis para a discussão dos temas abordados. Com isso, aqui existe um retrato de menor interação, comparado com outras formas em rede, mas de busca por maior identificação dos pares, por poder contar com uma narrativa mais longa e detalhada, explorando temáticas e aprofundando os aprendizados.

Influenciada ainda pelo debate sobre a sexualidade, há a construção de um olhar condizente com os tempos atuais para a sexualidade, traçando perguntas que são importantes para o debate: Como se dá a vida sexual dos adolescentes e jovens atualmente? Quais as dúvidas que eles carregam? Existe debate sobre sexualidade no Brasil, principalmente nas escolas? Os adolescentes possuem ferramentas para construir uma sexualidade sadia e baseada no desejo? São questões como essas que devem movimentar as comunicações para a promoção da saúde, pois a plenitude do bem estar que a área busca promover passa por pelo retrato da problemática da sexualidade com todas as complexidades e dúvidas que ela carrega.

Mais do que tudo, *Sex Education* nos ensina a importância do diálogo para a promoção da saúde,¹⁻⁹ ou seja, de que falar sobre sexualidade – seja com amigos, colegas, os pais, profissionais ou canais oficiais de informação – é um ponto importante para o aprendizado, para a construção das identidades e do bem estar. Assim, é possível empoderar os sujeitos para que possam ser mais responsáveis por suas vidas e escolhas, o que é o papel dessa intersecção entre comunicação e saúde. Pois, com mais informação, se torna mais fácil fazer o julgamento diante das decisões e dilemas que se apresentam no cotidiano e, assim, cria-se um ambiente mais favorável para a tomada de decisão, dando, inclusive, mais poder aos sujeitos para suas escolhas, diminuindo os medos, as preocupações e tornando a sexualidade um assunto mais prazeroso.

Doutor Maravilha: saúde e bem-estar nas redes sociais

Como já observado, a popularização de ferramentas de comunicação em rede possibilitou novas formas de contato entre sujeitos, bem como a possibilidade de abordar diferentes conteúdos em um mesmo espaço. Pensando nisso,

Marcos Vinicius Borges Tadeu, um médico infectologista de São Paulo, criou uma página nas redes sociais chamada *Doutor Maravilha*, título que ele mesmo se dá, e que tem como objetivo ser um espaço de informação em saúde, sobretudo para a população LGBTI+, principalmente para questões relacionadas ao HIV/AIDS. O *Doutor Maravilha* está presente nas principais plataformas desse tipo, como o Facebook e o Youtube; mas um de seus destaques é o Twitter. Com 7500 seguidores,¹⁹ chama a atenção por se propor a divulgar informações condizentes com as diretrizes de saúde do país, bem como a divulgação científica – tudo isso com uma linguagem pessoal e de acordo com o espaço midiático da plataforma.

O Twitter é “uma rede de informações composta por mensagens de até 280 caracteres chamadas *Tweets*” e se define como “o lugar certo para saber mais sobre o que está acontecendo no mundo e sobre o que as pessoas estão falando agora”.²⁰ Assim, é uma rede social e de *microblog* que permite aos participantes postar mensagens e seguir as postagens de outras pessoas. Portanto, é uma plataforma que obriga os usuários a terem uma linguagem mais objetiva pelas suas limitações, mas que possibilita o diálogo, a troca de mensagens e experiências entre os participantes. É nesse sentido que se constrói o conteúdo proposto pelo *Doutor Maravilha* no Twitter.

Seu trunfo é tratar em seus *tweets* de temáticas que envolvem o bem estar, a construção de identidades e também aspectos médicos, envolvendo a prevenção de doenças relacionadas à sexualidade (como AIDS e IST) com uma linguagem jovem, descontraída e de fácil penetração, o que funciona muito bem dentro de uma plataforma em que há uma gama de discursos competindo pela atenção do usuário. Dessa maneira, o médico consegue trazer maior acesso à informação e impactar seus seguidores com a divulgação de métodos mais modernos de prevenção, bem

como popularizar os canais oficiais para acesso a outras informações, levando mais empoderamento para os consumidores de seu conteúdo:¹⁹

Daí eu recebi uma msg de um seguidor que contou pro boy que vive com HIV. O cara ficou assustado de início, porque não sabia mto do assunto. Então foi orientado a seguir meu perfil.

Agora de manhã já recebi a msg que ele tá bem mais calmo, pq aprendeu muito e quer aprender mais.

Parabéns à ciência, às pessoas vivendo com HIV, ao SUS e a vocês que me inspiram. Eu só fui em veículo.

E por favor: não deixem de se apaixonar, de namorar e de se permitir! Vocês merecem uma vida completa. (*Tweet* publicado em 3 de abril de 2020). [sic]

Ainda seguindo a proposta do Twitter, o *Doutor Maravilha* utiliza a interação como uma das principais ferramentas para falar sobre sexualidade. Marcos Vinicius se identifica como gay e, dessa forma, coloca também sua identidade como parte integrante de seu conteúdo, fazendo com que o diálogo com seus interlocutores seja de igual para igual e colocando em prática uma espécie de metodologia de Paulo Freire⁹ através da interação. Com isso, há ainda um achatamento da relação médico-paciente, aproximando a discussão entre os pares e a propagação das informações necessárias para a plenitude individual e comunitária:¹⁹

IST's caminham juntas.

Você não pode dar diagnóstico de gonorreia pra alguém, tratar e deixar por isso mesmo.

Há uma linha horizontal de cuidado. Investigue outras infecções, ofereça PrEP, discuta formas de prazer e de prevenção.

Trate de pessoas, não de doenças (*Tweet* publicado em 28 de março de 2020).

Com isso, ele também debate maneiras de utilizar a comunicação para melhorar as relações e o atendimento dos profissionais dentro dos

serviços de saúde e nos serve como forte exemplo de como levar os temas do consultório para o ambiente digital. O *Doutor Maravilha* mostra que em questões que envolvem os dilemas da sexualidade, o profissional deve assumir a postura de apoiar e deixar a pessoa se expressar, ou de lembrar os pontos positivos no trajeto de evolução da medicina em HIV/AIDS para contrapor com os medos existentes na população.

Assim, o que o *Doutor Maravilha* nos ensina é que não é preciso uma linguagem médica e rebuscada para falar sobre sexualidade e prevenção. Também, que com um trabalho condizente com o esforço do diálogo é possível tornar o assunto mais acessível e popular, que é o objetivo de uma comunicação voltada para a promoção da saúde:¹⁹

Quando eu falo de sexo de maneira natural e engraçada, eu o faço porque informar é prevenir. Não são piadas vazias. Sou infectologista. Dedicado à saúde LGBT. Como vou ajudar as pessoas se eu mesmo me tornar refém de tabus? Naturalidade sempre. Vulgaridade nunca (Tweet publicado em 05 de abril de 2020).

Aplicativos de relacionamento e suas possibilidades de debate

Como terceiro exemplo para o debate neste trabalho, trazemos uma plataforma digital pouco utilizada para os fins da comunicação e saúde, mas que apresenta um potencial enorme em seu formato: os aplicativos de relacionamento. Esses aplicativos para *smartphones*, como o *Tinder*, o *Happn*, o *Hornet* ou *Grindr*, para citar alguns exemplos, conectam pessoas em busca de envolvimento emocional, amizades ou relações sexuais em uma plataforma em que é possível a troca de mensagens e de fotos entre os usuários.

As interações no aplicativo acontecem em dois níveis, segundo Carrera et al.⁴ No primeiro os laços se formam, caso haja interesse, a partir do acesso ao perfil com as informações disponibilizadas pelo usuário – neste caso estão as fotos

selecionadas e textos determinados pelo responsável pelo perfil para a construção de sua identidade naquele espaço. A partir destas informações, os sujeitos criam um atrativo que levará, em um segundo momento, a construção de sua identidade. No segundo nível há a interação em si mesma, ou seja, a conversa textual entre os usuários com a ativação do bate-papo. Dessa maneira, a interação se dá de uma forma mais incisiva, pois sem ela o aplicativo perde sua função essencial.

Por isso, os aplicativos de relacionamento se apresentam como um espaço de possibilidade de trabalhar a comunicação e a saúde para o bem estar, sobretudo no âmbito da sexualidade. Primeiro, pois seu objetivo envolve as questões do tema de forma direta – todo o desenvolvimento dos apps desse tipo caminham para estimular as relações afetivas e sexuais entre seus usuários, essa é a proposta deles. Com isso, o tema pode ser abordado de maneira mais natural. E segundo, essas plataformas digitais constroem uma relação direta de diálogo entre sujeitos que, se bem trabalhada, pode ser capaz de estimular a discussão e de transmitir a informação de forma mais orgânica. Apesar disso, poucas são as ações feitas nestes ambientes para tratar da promoção da saúde, o que mostra que há espaço para tornar este um ambiente de acesso aos usuários para propagar as informações e discursos.

Os aplicativos de relacionamento se destacam também pois seu uso como fonte de pesquisas e enquadramento dos estudos de comunicação e saúde vem sendo bastante utilizado por considerar esse contexto midiático das relações em diálogo com as novas tecnologias. Em artigo realizado pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, em parceria com o Centro de Ciências da Saúde da UFPI,¹⁶ os autores demonstraram, utilizando entrevistas semiestruturadas com usuários do aplicativo de relacionamento *Hornet* que indivíduos gays possuem baixo

conhecimento sobre medidas de prevenção de ISTs e que as relações sexuais estabelecidas por este público são permeadas pela alta vulnerabilidade e comportamentos com elevadas possibilidades de exposição à fatores de risco.¹⁶

Expressar preferências sexuais e filtrar outros parceiros potenciais a partir dos aplicativos permite aos usuários buscar diferentes atividades sexuais (sexo a dois ou grupal, bareback e orgias) sem, necessariamente, implicar em envolvimento emocional com os participantes.

Um outro artigo publicado por pesquisadores americanos²¹ propôs o rastreamento de comportamento e da saúde sexuais em outro aplicativo do gênero, o *Grindr*. Os autores demonstraram que os usuários têm interesse em assuntos de saúde e prevenção e sugerem que a integração de recursos de saúde sexual e rastreamento comportamental para os sujeitos que usam aplicativos pode ser promissora para envolvê-los na comunicação de riscos e, assim, criar ações com foco mais contextuais. Algumas pequenas ações nos próprios aplicativos são propostas pelos pesquisadores, como por exemplo: receber resultados de laboratório (68% dos respondentes se mostraram interessados), agendamento lembretes de compromissos de saúde (67%), conversa com um profissional de saúde (59%) e recebimento alertas de lembrete de possíveis medicações (42%). Porém, essas medidas talvez não pareçam tão eficazes, pois partem de um senso comum e não tratam de fatores que podem importar no momento da decisão diante da exposição, sendo assim tratadas mais como práticas preventivas do que como comunicação de risco em si – isso pode ser observado, inclusive, pelo baixo interesse dos sujeitos da pesquisa em rastrear e receber *feedback* constantemente sobre seu comportamento sexual (apenas 35% de interesse). O interessante desta pesquisa é seu poder ao dar voz

aos usuários e buscar entender seus interesses dentro desse contexto de prevenção e saúde.

Porém, é possível ir além desse quadro de pesquisa e combinar os dois estudos apresentados, isto é, mapear os principais fatores que podem levar ao risco e buscar alternativas para a mudança de atitude diante deste cenário. Este é o papel da comunicação nesse contexto de mediação com a saúde, que busca integrar essas novas formas de comunicação tecnológicas às ferramentas e a linguagem já utilizada pelo campo em questão.

O Ministério da Saúde, por exemplo, vem tentando criar ações nos aplicativos há algum tempo. Um destaque ocorreu em 2016, durante as Olimpíadas e Paralimpíadas no Brasil, em que o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais (DIAHV), em parceria com o Unids e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e o aplicativo *Hornet* realizaram uma ação conhecida como “Close Certo” para promover a disseminação de informações sobre prevenção, testagem e tratamento de HIV/aids durante os eventos. Por 49 dias, o projeto reuniu 18 jovens capacitados pelo Ministério da Saúde a responder às perguntas dos usuários no aplicativo sobre HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis, Profilaxia Pós-Exposição (PEP), serviços de saúde, prevenção combinada e o Disque-Saúde, entre outros temas. Esse tipo de ação é interessante para disseminar a informação e ainda estimular a possível interação entre sujeitos presentes no app para o diálogo e a autopromoção da saúde.

Considerações finais: Aprendizados para a comunicação em saúde

Seja nas mídias tradicionais ou nessas novas formas de contato pelo digital a comunicação é um componente central de muitas intervenções

eficazes de promoção da saúde e processos de mudança nos níveis individual e comunitário.¹ Na era das mídias digitais, espera-se que a comunicação melhore significativamente a eficácia dos programas de promoção da saúde e dos discursos que envolvem o bem estar. Por isso, os três exemplos aqui destacados trazem conceitos que nos ajudam a compreender as melhores formas de estimular o diálogo e de tratar das temáticas de saúde a partir desses contextos novos que se apresentam com a popularização do digital e as mudanças na sociedade que este fenômeno carrega. A evolução das mídias sociais estimulou a mudança na equação da comunicação de uma abordagem de cima para baixo, ou seja, de especialista para consumidor, para uma estratégia não hierárquica e baseada em diálogo, o que é condizente com as perspectivas atuais da intersecção entre comunicação e saúde.

Os três exemplos explicitam, de forma geral, que abordar a sexualidade (e mais ainda, falar do sexo como bem estar) é importante para a promoção da saúde. Dessa forma, a comunicação deve seguir esse caminho dialógico que busca a interação e o empoderamento dos sujeitos. Dessa maneira, ao olharmos as experiências aqui relatadas podemos propor maneiras de utilizar as ferramentas da comunicação para melhores práticas na saúde.

Em resumo, assim como a comunicação mercadológica, alguns pontos-chave são importantes e devem ser ressaltados para pensar a complexidade da comunicação neste contexto, sobretudo para temas como a sexualidade. Um deles é entender o cenário em que o fenômeno e/ou o sujeito se apresenta: conhecer o público receptor da mensagem, o contexto macro e microssocial em que se insere, prever possíveis contra-argumentos e também as mídias em que ocorrerão as divulgações.¹⁴ Ao conhecermos o público e o contexto da mensagem, se torna mais

fácil pensar em uma linguagem que seja condizente com ambos e que melhor tratem do tema. *Sex Education* e o *Doutor Maravilha* se destacam por conseguirem abordar as complexidades da sexualidade através da normalização do tema, isto é, utilizando os recursos que suas plataformas permitem e com as gírias, expressões e modos de linguagem de acordo com seu público-alvo, adolescentes em descobrimento da sexualidade e grupos LGBTI+, respectivamente. Os exemplos trabalham a ressignificação e reconstrução do conceito de sexualidade, diminuindo as moralidades e considerando-a como parte integrante da vida, ou seja, imersa na cultura. Isso facilita a difusão do que é comunicado e faz com que a mensagem seja melhor compreendida e difundida.

Como os exemplos destacam bem, o sucesso de uma comunicação no contexto digital, inclusive no campo da saúde, depende ainda da interação constante entre transmissores e receptores da informação. Sjöberg¹⁸ destaca que uma comunicação atinge seu objetivo quando possui um emissor que se apresenta de acordo com os valores e a credibilidade esperada por seu público, pois, em última instância, a comunicação para a promoção da saúde é a troca de valores entre as partes. Nesse sentido, a comunicação digital traz um ganho para o contexto aqui analisado, pois diminui essa hierarquia entre médicos ou instituições e usuários, como uma rede de troca de informações. A experiência em rede do *Doutor Maravilha* ratifica bem esta questão, pois mistura a credibilidade médica com o olhar pessoal sobre as questões tratadas no perfil da rede social, o que faz com que sua mensagem ganhe esse caráter de funcionalidade e de melhor adesão do conteúdo.

Também, precisamos considerar o papel das novas mídias enquanto possibilidades de trabalhar com públicos mais específicos, aumentando a efetividade da comunicação. As mensagens oficiais, em geral, têm como público toda

a população e não apenas grupos específicos – por esta razão, geralmente são generalizadas e muitas vezes simplificadas.⁸ Outras fontes, contudo, apesar de serem menos técnicas, possuem maior penetração nas comunidades e, em muitos casos, maior proximidade emocional, como é o caso dos aplicativos de relacionamento. Dessa maneira, podem ser utilizadas como melhores fontes para transmissão da mensagem, por considerarem melhor os contextos dos sujeitos e a possibilidades de adequação dos discursos. O mesmo também pode ser pensado para as outras mídias, como o Twitter ou a Netflix, de acordo com as suas peculiaridades.

Por fim, ao trabalhar as questões propostas, a comunicação na intersecção com a saúde deve conduzir o sujeito de uma baixa para uma alta colaboração na promoção da saúde.^{1,2} Para isso, é importante trabalhar o constante acesso à informação e, em conjunto, é necessário dar aos interlocutores as possibilidades de escolha para as melhores práticas em sua vida. Todos os exemplos midiáticos aqui selecionados nos mostram que, ao tratar do tema da sexualidade, bem como de outros relevantes para o campo da saúde, o diálogo deve ser pensado em todas as etapas, seja desde as campanhas públicas, até a formação dos profissionais de saúde, que devem levar em consideração os sujeitos, com suas complexidades, e o aprendizado neste processo.

As diferentes experiências retratadas neste artigo ajudam a verificar as possibilidades do uso da comunicação para a promoção da saúde. Os três exemplos relatados mostram práticas em diferentes mídias, com diferentes níveis de interatividade e diferentes formas de trabalhar o discurso. O desenvolvimento da comunicação para a saúde nestes espaços, considerando o diálogo e as necessidades de interlocução com os usuários, bem como a transmissão das informações em uma linguagem condizente com o público,

parecem ser o principal caminho para consolidar uma comunicação mais efetiva e democrática nesta era digital.

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesse, em relação ao presente estudo.

Fontes de financiamento:

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance code 001.

Referências

01. Araújo IS, Cardoso, JM. Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2007.
02. Batista LL. A Comunicação de riscos. In: Perez C, Barbosa IS, organizadores. Hiperpublicidade 2. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2008.
03. Bostrom A. Future Risk Communication. Futures. 2003; (35):553-573.
04. Carrera F, Bernardazzi R, Xavier A, Medeiros HB, Oliveira L. Social evaluation at the finger point: self presentation and impression management on Tinder. Teknokultura. 2017;14(2): 339-350.
05. Di Giulio G, Figueiredo B, Ferreira L, Dos Anjos J. Comunicação e governança do risco: a experiência brasileira em áreas contaminadas por chumbo. Rev Ambiente & Sociedade. 2010;2:283-297.
06. Di Giulio G, Serrão-Neumann, S, Viglio J, Ferreira L, Choy D. Propostas metodológicas em pesquisas sobre risco e adaptação: experiências no Brasil e na Austrália. Rev Ambiente & Sociedade. 2014;4: 35-54.
07. Fausto Neto A. Percepções acerca dos campos da Saúde e da Comunicação. In: Pitta AMR, organizador. Saúde & Comunicação: visibilidades e silêncios. São Paulo: Hucitec; 1995. p. 267-293.
08. Fessenden-Raden J, Fitch JM, Heath JS. Providing Risk Information in Communities: Factors Influencing What Is Heard and Accepted. Science, Tech, & Hum Val. 1987; 12 (3,4): 94-101.

09. Freire P. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
10. Iglesia JLG, Coma JF. *Teoría de la comunicación de riesgo*. Barcelona: Editorial UOC; 2011.
11. Korda H, Itani Z. Harnessing social media for health promotion and behavior change. *Health Promot Pract*. 2013;14(1):15-23.
12. Lemos A, Lévy P. *O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus; 2010.
13. Louro GL. *Pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2000. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. p. 07-34
14. Lundgren R, McMakin A. *Risk communication: a handbook for communicating environmental safety and health risks*. Columbus: Ed. Battelle Press; 2004.
15. Sex Education [internet]. [acesso em 10 abr 2020]. Disponível em: <http://netflix.com.br>.
16. Queiroz AAFLN, Sousa AFL, Matos MCB, Araújo TME, Reis RK, Moura MEB. Conhecimento sobre HIV/aids e implicações no estabelecimento de parcerias entre usuários do Hornet. *Rev Bras Enferm*. 2018;71(4): 2062-9.
17. Recuero R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina; 2008.
18. Sjöberg L. Risk communication between experts and public: perceptions and intentions. *Rev Organicom*. 2007;(4)6: 67-85
19. Doutor Maravilha [internet]. [acesso em 10 abr 2020]. Twitter: @DoutorMaravilha. Disponível em: <https://twitter.com/DoutorMaravilha>.
20. Twitter [internet]. Twitter: Sobre; 2020. [acesso em 10 abr 2020]. Disponível em: <https://about.twitter.com/pt.html.idem>
21. Ventuneac A, John SA, Whitfield THF, Mustanski B, Parsons JT. Preferences for sexual health smartphone app features among gay and bisexual men. *AIDS and Behavior*. 2018;(22): 3384-3394.